

# O DUQUE DE CAXIAS

Celso Maria de MELLO PUPO

Hoje é o dia do soldado. Mais extensivamente, diríamos: hoje é o dia do cidadão brasileiro. Soldados somos todos nós, conscientes do dever patriótico, conscientes da significação de pátria, desta pátria cuja história nos ensoberbece com um grande passado glorioso e inesquecível, traçado em trabalhos pelo bem coletivo, em lutas pela paz ou em campo de batalhas, com patriotismo e heroicidade, com abnegação e grandeza, pelos princípios mais legítimos de direitos invioláveis e pela base mais sólida da concórdia, o maior anelo da aspiração brasileira. Desta pátria que se agiganta na ciência e na cultura, nas letras e nas artes, na solidariedade e na sociabilidade, com o pretérito glorioso e dignificante para uma trajetória iluminada de triunfos em solo seguro da vida social.

Hoje é o dia do soldado; e o nosso Exército que hoje comemora, como todos nós, este dia, tem para registrar uma trajetória gloriosa de sua existência, com mais honrosos feitos que lustram a história do Brasil. Sob o império, nos primeiros dias de nossa emancipação, pode o imperante apoiar-se em forças brasileiras, por nascimento ou convicção, dispo de tropa regular e aguerrida, em ação patriótica indispensável à perenidade da vida de uma nação que germina do tronco generoso e fecundo da pátria portuguesa.

A vida de nosso Exército que hoje homenageamos, é uma fulguração em nossa história; seu cronista se estenderia por páginas e páginas em registros de abnegação, de heroísmos, de triunfos, desde a consolidação do Império, quando nossa soberania vacilava entre a aspiração brasileira de integral independência, e o prolongamento da subordinação que se derrua. E Caxias o integrou desde infante: filho e neto de militares, militar já era no alvorecer de sua vida. Feita a nossa independência, foi logo incluído no Batalhão do Imperador, compondo uma unidade para a qual o soberano escolheu, um a um, os seus soldados, oferecendo ao jovem oficial lances para a reavaliação de seus altos méritos. Partícipe das guerras de libertação da Bahia, da campanha de Cisplatina, firmou-se no caminho da honra com distinção de sua personalidade laureada pela coragem indômita, pela sua diretriz consistente de seguro equilíbrio e patriotismo dos mais acendrados.

Repassar feitos militares de Caxias, seria repassar uma longa sequência de grandes cometimentos pela pátria, com abnegação e desprendimento, o que fez do patrono de nosso Exército, um modelo de cidadão para guia dos brasileiros que o seguem nesta nação jovem e futura, à qual tanto se deve dar de colaboração honesta e desinteressada, para que nossos filhos a conservem entre as de maior virtude, maior honra e maior glória.

Luís Alves de Lima e Silva teve sempre intacta a sua honra. Sua lealdade nunca vaciou; seguro sempre no cumprimento do dever, sentia a disciplina não coercitiva, mas orientadora constante e inseparável em todos os passos de sua vida, vida que é um soberbo ensinamento para o bom brasileiro que hoje percuentemente a deve percorrer. Depois de valiosos sacrifícios pelo país que se agitou em sérios problemas de sua consolidação, disciplinado, coerente, leal, transpôs a abdicação em sete de abril. Grandes foram suas preocupações sobre o futuro da pátria sem um imperante adulto e forte que a desviasse da desintegração e da anarquia. Neste sentido de conservação de nosso território íntegro, unido como sempre o tivemos depois do desgaste da Cisplatina, Caxias se conservou um guardião dessa grandeza, valente e ativo, impertérito defensor da nossa unidade que assegurou a nossa grandeza para gáudio nosso, que hoje nos orgulhamos de nosso imenso território.

Agitada e tempestuosa foi a vida brasileira nos períodos regenciais. Seguiu-se à abdicação do primeiro imperador, agitação no próprio Rio de Janeiro; depois o extremo sul, marcando-se o ano de 1853 com a revolução farroupilha quando Caxias surpreendeu conceituados comandantes com suas opiniões e previsões de alta segurança, provocando do governo o desejo de confiar-lhe o comando geral que recusou para não se sobrepor a colegas de maior graduação. Na gravidade da sedição do Maranhão, seu conceito se impôs e o

levou a ser investido no comando geral das forças e na presidência da Província que assumiu em fevereiro de 1840. Enérgico, pronto, virtuoso e justiceiro, dominou todos os focos de rebelião, restabelecendo a paz e a administração e trazendo para seu núcleo de admiradores e cooperadores, muitos dos que se haviam rebelado.

Pacificado o Maranhão, em junho de 1841 voltava ao Rio de Janeiro, sendo, em março de 42, nomeado comandante das armas da Corte e Província. Na luta intermina de pacificar e conservar o Brasil, não descansava o jovem Barão de Caxias, e já a 18 de maio era nomeado para extinguir a sublevação de Sorocaba, como comandante das forças imperiais e vice-presidente da Província de São Paulo, com poderes ilimitados confiados à sua "inteligência, descrição e atividade", para fazer "o uso que julgar mais conveniente da força de linha, que se manda por à sua disposição, e organizando na sobredita província toda a mais que julgar necessária, tanto da mesma primeira linha, como da guarda nacional, e praticando tudo o mais que entender condizente ao sobredito fim".

Bem se conclue dos termos destas instruções, quanto de confiança gozava o Barão de Caxias, nas esferas imperiais e governamentais; era ele um bauarte do trono, da ordem e da estabilidade para o Brasil que devia caminhar uno na trajetória do seu destino, tão bem resguardada pela valentia e lealdade do valoroso militar.

Caxias usou em São Paulo, da extrema habilidade que já mostrara possuir, para a pacificação quase sem sangue de levantes que trariam infortunadas consequências sem a diplomacia de um comandante tão hábil na estratégia militar como na estratégia diplomática, duas habilidades que se completavam para a pacificação do país, como sempre alcançou o grande Caxias. Temeroso da iminência da rebelião, pediu o presidente de São Paulo, forças ao governo central, sendo atendido antes mesmo da eclosão do movimento revolucionário, que, explodindo a 17 de maio, já tinha Caxias e sua tropa barra a fora do Rio de Janeiro, em demanda de Santos, no dia 19. A 21 de maio estava Caxias em Santos e a 24 em São Paulo, no bairro de Pinheiros para a defesa da capital; e foi nesse dia que ao bairro chegaram as tropas avançadas dos revolucionários, vindas de Sorocaba.

O nome de Caxias, o triunfante das regiões do sul do país, o destruidor dos Balaios, o mais famoso general do Império e a sua arrancada da Corte para São Paulo, não poderia deixar de causar um arrefecimento no ímpeto dos revoltosos, comandados por um chefe experiente e seguro de sua responsabilidade para o insucesso de um ataque às tropas de Caxias, com inútil derramento de sangue dos seus co-provincianos, homens desafiados à guerra, em organizações e armamentos precários. E Caxias bem calculou todos estes fatores para agir com habilidade, interpellando o chefe revolucionário: "Quer com efeito empunhar as armas contra o governo legítimo do nosso imperador? Não creio, porque o conheço de muito tempo, sempre trilhando a carreira do dever e da honra. Eu aqui estou, e não lhe menciono minhas forças para que não julgue que exagero".

"Eu aqui estou", foram palavras mágicas que ditas pelo mais famoso cabo de guerra, teriam de ecoar pelos comandos da revolta, como ecoaram, vencendo-as sem sangue, com exceção, do encontro de Venda Grande em Campinas, cujo fracasso completou o desânimo a que habilmente levou Caxias as tropas de Rafael Tobias, já em retirada diante dos movimentos estratégicos das tropas imperiais, das quais evitavam o combate, certos do malogro.

Em seguida, é incumbido de pacificar Minas, onde não pôde evitar encontro aguerrido. Em setembro foi nomeado para o Rio Grande do Sul, onde se exigia uma ação segura, quando "nem as circunstâncias do imperio permitiam descanso, nem tão invencível espada poderia embainhar-se". E a ação de Caxias foi vasta e honrosíssima para seu comando: alcançada a vitória, não se rejuicou, lamentando as vítimas do embate; vencedor glorioso, maior glória colhia do seu sentimento de solidariedade humana que o fazia amado em todas as províncias que percorria; deputado pelas regies pacificadas, o Rio Grande do Sul o elegeu em primeiro lugar na lista tríplice para o Senado.

Monte Caseros foi passo honroso antes que eclodisse nova guerra. O forte de Coimbra foi um marco inicial para a maior guerra do continente sul americano; ali já se marcou o patriotismo da tropa guarnecedora e da mulher brasileira imóvil em horas mais graves que exigem seu concurso nunca ausente. A 25 de janeiro de 1855, apresentava Caxias o seu plano estratégico para a luta do Paraguai, a pedido do Ministro da Guerra; entrava Caxias em fase culminante de sua vida militar. A guerra do Paraguai se desenvolvia com sacrifícios, mas glórias para o Brasil; Osório e outros generais brasileiros, assim como a oficialidade e a tropa, lutavam com elevado patriotismo e coragem, repetindo feitos que nos engrandeciam.

Côncio o governo da necessidade de um comando único para as forças brasileiras em operação no Paraguai, a 10 de outubro de 1866 entregou este comando a Caxias. A atuação de Caxias foi uma epopéia que permitiu a seus biógrafos apreciar trechos da campanha com os maiores elogios ao general brasileiro. A sua chegada foi um novo alento às armas brasileiras, revigorado o entusiasmo com a presença pessoal sua em todos os setores, quer de retaguarda, quer na frente de operações. E em fevereiro de 87, o retorno de Flores e Mitre para Montevidéu e Buenos Aires, deixara nas mãos de Caxias o comando geral das forças aliadas. Os louros da vitória se repetiam como puderam dizer os historiadores "os aliados avançam sempre; sempre vitoriosos; o plano primordial observado; as operações, variando segundo as conveniências; os nossos nunca surpreendidos; minas do inimigo constantemente contraminadas; suas fortificações sucessivamente destruídas; seus recursos restringidos; seu desânimo patente". Páginas de glória foram escritas com sangue e tiveram títulos de Tuiuti, Humaitá, Claro, Itororó, Lomas Valentinas, de vitória em vitória, com heroísmos inexcusáveis para o Brasil, sagrando Caxias com a mais brilhante auréola de invencível general brasileiro".

A dívida do país para com Caxias era imensa, e as distinções se esgotavam neste bravo soldado. Só o título de duque lhe poderia ser conferido com elevação, sendo ele o único em nossa monarquia, como merecido prêmio de sua bravura e patriotismo por mais de meio século de prestada atuação pela grandeza da pátria.

Este notável brasileiro não só foi militar, sabendo servir o Brasil no campo civil, com a mesma dedicação que o serviu no campo militar. Político, chefe do Partido Conservador, parlamentar, ministro do Império, presidente do Conselho, a política muito recebeu de Caxias, da sua dedicação, da sua visão patriótica sempre vigilante, sempre justiceira, sem vacilações, corajoso como em guerra, equânime e generoso como nas pacificações, inscreveu, para seu crédito, a solução de uma das questões mais melindrosas dos problemas do Império: a questão dos bispos. Para aceitar a presidência do ministério de 1875, Caxias impôs a condição de conceder-se anistia aos bispos, duas virtuosas vítimas do cumprimento do dever, o que foi aceito pelo Imperador. E anistia significa uma anulação com perpétuo silêncio sobre todas as acusações e processos, encerrando de uma vez qualquer imputação que se tenha formulado contra alguém.

O Caxias afetivo não foi menor que o soldado e o político. Desde seus verdes anos, escolhendo para esposa uma das mais virtuosas jovens do seu tempo, teve para sua felicidade a companheira ideal para quem foi ele o dedicado e amoroso esposo, cumprindo as previsões de sua noiva que afirmara para a própria genitora, antes do noivado: "minha mãe, conheço o caráter dele; uma voz interior me brada, não só será com ele a mais feliz das mulheres, mas que ele será sempre digno de mim, continuará a nobilitar-se e virá a ser um dos primeiros vultos da pátria". E por morte da esposa, afirmava Caxias: "perdi o maior bem que neste mundo gozava, a minha virtuosa companheira de quarenta e um anos".

Exemplo e modelo, pelo coração e pelo caráter, leal e valente na guerra, na paz, na justiça, na política, nas convicções, faleceu o grande brasileiro a 7 de maio de 1880.

(Alocução pronunciada em cadeia das rádios emissoras de Campinas, a 25 de agosto de 1973).